

FLUXOS E CIRCUITOS DA CAFEICULTURA BRASILEIRA: PRODUÇÃO, INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE REGIONAL

Amanda Duarte Mergulhão

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

E-mail: amandam0302@outlook.com

Resumo

O café em grão destaca-se como um dos produtos agrícolas com maior variação de preço, refletindo uma dinâmica complexa que envolve desde a produção até sua comercialização. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é analisar como as diferentes fases da espacialização da produção e circulação do café contribuem para as oscilações de preço, bem como os impactos geográficos decorrentes desse processo, especialmente na configuração de regiões competitivas. Adotou-se como metodologia a revisão de literatura, a realização de entrevistas com produtores e a coleta e análise de dados provenientes de empresas e órgãos oficiais de estatísticas. Esses procedimentos permitiram compreender as transformações na cadeia produtiva do café e seus desdobramentos territoriais. Os resultados indicam intensificação dos fluxos produtivos em busca de maior produtividade e qualidade e industrialização sob o domínio de poucos grupos econômicos. Além disso, fatores como as condições do solo e as adversidades climáticas recentes têm contribuído para a redução da oferta global. Paralelamente, observa-se o aumento do consumo de café industrializado no Brasil, China, Turquia e Japão, evidenciando mudanças nos padrões de consumo. Assim, as variações de preço do café estão relacionadas a transformações produtivas, ambientais e de mercado, com impactos significativos na organização do espaço geográfico e na dinâmica das regiões produtoras.

Palavras-chaves: café; preço; exportação; região competitiva.

FLAWS AND CIRCUITS OF BRAZILIAN COFFEE FARMING: PRODUCTION, INNOVATION, AND REGIONAL COMPETITIVENESS

Abstract

Coffee beans stand out as one of the agricultural products with the greatest price variation, reflecting a complex dynamic that encompasses everything from production to marketing. In this context, the objective of this work is to analyze how the different phases of the spatialization of coffee production and circulation contribute to price fluctuations, as well as the geographical impacts resulting from this process, especially in the configuration of competitive regions. The methodology adopted included a literature review, interviews with producers, and the collection and analysis of data from companies and official statistical agencies. These procedures allowed for an understanding of the transformations in the coffee production chain and its territorial ramifications. The results indicate an intensification of production flows in pursuit of greater productivity and quality, and industrialization under the control of a few economic groups. Furthermore, factors such as soil conditions and recent climatic adversities have contributed to a reduction in global supply. Simultaneously, an increase in the consumption of processed coffee is observed in Brazil, China, Turkey, and Japan, highlighting changes in consumption patterns. Thus, coffee price variations are related to productive, environmental, and market transformations, with significant impacts on the organization of geographic space and the dynamics of producing regions.

Key words: coffee; price; export; competitive region.

FLUJOS Y CIRCUITOS DE LA CAFICULTURA BRASILEÑA: PRODUCCIÓN, INNOVACIÓN Y COMPETITIVIDAD REGIONAL

Resumen

Los granos de café se destacan como uno de los productos agrícolas con mayor variación de precio, lo que refleja una dinámica compleja que abarca desde la producción hasta la comercialización. En este contexto, el objetivo de este trabajo es analizar cómo las diferentes fases de la espacialización de la producción y circulación del café contribuyen a las fluctuaciones de precios, así como los impactos geográficos derivados de este proceso, especialmente en la configuración de regiones competitivas. La metodología utilizada incluyó una revisión bibliográfica, entrevistas con productores y la recopilación y análisis de datos de empresas y agencias estadísticas oficiales. Estos procedimientos permitieron comprender las transformaciones en la cadena de producción del café y sus ramificaciones territoriales. Los resultados indican una intensificación de los flujos de producción en busca de mayor productividad y calidad, y una industrialización bajo el control de unos pocos grupos económicos. Además, factores como las condiciones del suelo y las recientes adversidades climáticas han contribuido a una reducción de la oferta global. Simultáneamente, se observa un aumento en el consumo de café procesado en Brasil, China, Turquía y Japón, lo que muestra cambios en los patrones de consumo. Por lo tanto, las variaciones en el precio del café están relacionadas con transformaciones productivas, ambientales y de mercado, con impactos significativos en la organización del espacio geográfico y la dinámica de las regiones productoras.

Palabras clave: café; precio; exportar; región competitiva.

Introdução

Em 2009, os preços altos dos insumos (elevação de 500% nos últimos 10 anos) e baixo preço da saca do café (cresceu pouco mais de 20% no mesmo período) fizeram com que organizações ligadas ao circuito de produção do café se organizassem no “Movimento SOS Cafeicultura”. O empenho dos produtores brasileiros no final da década foi fundamental para os anos seguintes. Em 2010, com a quebra das safras de café na Colômbia e na América Central, o preço médio do café brasileiro no mercado internacional subiu, estimulando a produção. A queda dos preços em 2013 ocorreu devido a maior safra do ciclo de baixa bienalidade do Brasil, ênfase para o café arábica (CEPEA-Esalq/USP, 2026).

No ano seguinte, estiagem, secas e altas temperaturas em importantes estados produtores marcaram a pior colheita em anos de alta produção. Em 2022, os preços do café dispararam porque o tempo estava mais seco que o normal e provocou forte redução da safra. Já eram sinais dos impactos de mudanças climáticas sob a cafeicultura brasileira. As temperaturas mais altas também alteraram os tipos de café produzidos no país. Estudos da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) concluíram que o café conilon apresenta-se como alternativa a regiões que vêm se tornando inaptas para o cultivo do café arábica, porque é um café de mais fácil adaptação a solos e climas diversos, sendo

uma opção para as regiões baixas e quentes do país. Os dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da última década mostram que cresce a participação do café do tipo conilon, mais resistente a essas mudanças, enquanto o café de melhor qualidade, o do tipo arábica, sofre com temperaturas mais altas e secas, por isso tem menor participação na colheita total (CEPEA-Esalq/USP, 2026).

Os dados anuais da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), mostram crescimento no consumo (ABIC, 2023). Neste cenário, as negociações de preço impulsionam o funcionamento do circuito espacial de produção. Os preços de compra e venda dos grãos são previamente decididos nos mercados e influenciam as decisões de expansão ou continuidade da área destinada ao cultivo, um clássico exemplo de circuitos fortemente extrovertidos, isto é, vinculados ao mercado externo que também impactam no mercado interno. Quando os preços da saca se elevam, as configurações dos circuitos de circulação da mercadoria (estoques e vendas) e do capital são alterados. Essas mudanças são mostradas neste trabalho.

Primeiramente, a produção é predominantemente familiar, de pequenos produtores. Os dados do IBGE (2016) mostram que poucos municípios de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Rondônia se destacam por terem a maior quantidade de estabelecimentos produtores de café arábica e conilon, as duas principais espécies. As colheitas dos anos seguintes destacam a produção nacional concentrada em Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Rondônia e Paraná. Avança o uso de tecnologia em todas as etapas de produção, preparação do solo, mudas geneticamente modificadas desde os primeiros estudos em 2009, uso de drones para pulverização e máquinas específicas para colheita. Produção e produtividade avançam, mas restrições de área e condições climáticas adequadas limitam a oferta.

Na sequência, são destacados onde ocorrem territorialmente esses fluxos de produção agrícola e industrial, de insumos, de comercialização interna e principalmente externa. Ao estudar a configuração territorial, foco nas relações comerciais entre Brasil e os principais mercados internacionais, desperta interesse a nova lista dos países que mais comprem o grão brasileiro, com a presença da Turquia e do Japão. Já aparece também o crescimento das importações da China, mudança importante nos hábitos de consumo que alteram a geografia mundial do café. Novos agentes passam a ditar o preço, e por conseguinte a dinâmica da produção brasileira. O café industrializado, o solúvel, permanece sua trajetória de vendas marcadamente para Estados Unidos, seguido por Indonésia, Polônia, Emirados

Árabes Unidos, Reino Unido, em ascensão Vietnã e México. O café industrializado torrado e moído, é direcionado para atender mercado interno cada vez mais descentralizado. Os cafés do tipo especial ganham fatia importante do consumo nacional. Consumo crescente e diversificado impulsionam os preços.

O objetivo do estudo é atingido quando se analisa as interações entre espacialização da produção brasileira de café e variações de preço, o que contribui para caracterizar algumas regiões competitivas, exemplos de expressões geográficas e regionais singulares. As características únicas da atividade cafeeira, desde a participação ímpar na história econômica nacional financiando os primórdios da industrialização paulista e, por conseguinte brasileira, ajudou também na configuração de seu território.

O café marcou a história e a formação de vários municípios brasileiros. Com o avanço do agronegócio, a cafeicultura brasileira adquiriu características de regiões competitivas, sem deixar de ser um cultivo essencialmente familiar, ou seja, sem romper com suas origens históricas, sua tradição, voltadas para atender a grandes indústrias responsáveis por escoar a produção do café industrializado até os mercados.

São estudados fluxos comerciais, de produção, de investimento e suas alterações sobre o espaço. Os fluxos comerciais e de investimento são alterados com a mudança nos principais países que negociam o café brasileiro no mundo, os fluxos de produção são alterados mediante uso de tecnologia na esfera produtiva, assim como mudanças nas decisões do tipo de café a ser produzido, com advento dos cafés do tipo especial e ganho de mercado dos cafés conilon (de qualidade inferior), mas resistentes a altas temperaturas. Prova de que esses fluxos de produção também são alterados a partir de alterações climáticas. Os fluxos de investimento são tratados ao mostrar a participação do Estado, empresas e produtores como agentes importantes no processo de espacialização.

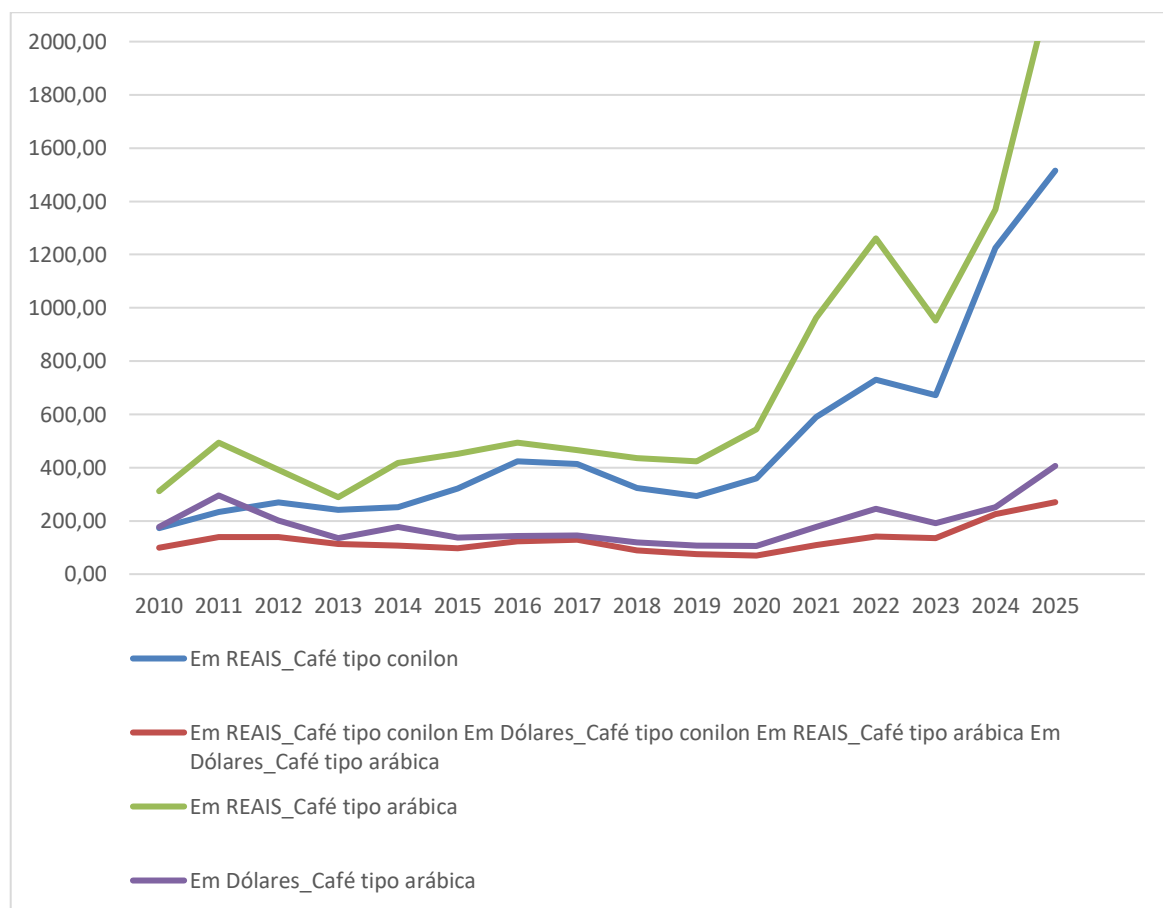
A metodologia utilizada inclui entrevista com produtor familiar que produz e exporta café em grão de Minas Gerais, uso de dados de fontes oficiais de informação, dentre elas: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sistema oficial para extração das estatísticas do comércio exterior brasileiro de bens (Comex), Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA). Outras fontes são utilizadas, como a ABIC. Em relação ao produtor de café, entre os critérios utilizados para selecioná-lo para entrevista destaca-se o envolvimento com a agricultura familiar, cultivo de grãos de qualidade destinados ao mercado externo, participação em cooperativas de produtores da região, colheita de café em local de destaque,

no caso estado de Minas Gerais. Propõe-se aplicar a teoria e conceitos de diversos estudos recentes sobre o tema, agregando novos conhecimentos aos já existentes, contribuindo para o enriquecimento do saber científico.

A construção do território a partir das evoluções recentes da cafeicultura brasileira

O café em grão ganha destaque na economia nacional com a ascensão de preços negociados no mercado internacional. De 2020 para 2021, o preço médio anual da saca de 60Kg do café arábica, o de melhor qualidade, passou de R\$542,96 para R\$962,17 e o café do tipo conilon passou de R\$358,98 para de R\$590,13. A alta é interrompida pelo avanço de 1,8% da área em produção da safra de 2023, segundo preços médios anuais calculados usando dados diários do CEPEA-Esalq/USP (2026) e boletins técnicos da CONAB (2026). A Figura 1 atesta que não se trata de pura variação cambial.

Figura 1: Preços dos cafés arábica e conilon em grão - Brasil 2010-2025



Fonte: CEPEA-Esalq/USP (2025). Elaborado pelo autor (2026).

Conforme Madeiros (2014), as expectativas de investimento, materializadas nas negociações em bolsas de mercadorias e de contratos futuros, são realizadas antes do plantio e da colheita da safra. Preços do grão em alta estimulam a exportação, mas o consumo do produto industrializado segue crescente no Brasil, até o momento que passa ser necessário importar mais café torrado e moído que exportar.

A Tabela 1 mostra que desde 2011, à medida que o consumo aumenta, os déficits comerciais em dólar do café torrado e moído tornam-se persistentes, ou seja, a tendência é gastar mais com compra de café industrializado que receber com a venda.

Tabela 01 - Consumo e saldo comercial do café de 2009 a 2025 (Valor mil US\$ FOB)

Ano	Saldo comercial do Café em Grão	Saldo comercial do Café Torrado e Moído	Saldo comercial do Café solúvel	Saldo comercial total do Café	Consumo café beneficiado em milhões de sacas de 60 Kg
2009	3.760.872	15.595	460.390	4.236.856	18,40
2010	5.179.198	551	534.845	5.714.595	19,10
2011	7.998.970	- 14.603	674.181	8.658.548	19,70
2012	5.720.102	- 17.442	697.885	6.400.545	20,30
2013	4.579.879	- 16.231	649.067	5.212.716	20,10
2014	6.040.280	- 36.282	562.982	6.566.980	20,30
2015	5.554.794	- 56.962	555.552	6.053.384	20,50
2016	4.842.716	- 40.837	572.004	5.373.883	21,20
2017	4.599.466	- 60.669	582.045	5.120.841	22,00
2018	4.357.874	- 47.117	524.420	4.835.177	21,00
2019	4.574.853	- 63.947	531.124	5.042.030	20,90
2020	4.968.909	- 36.766	491.707	5.423.850	21,20
2021	5.800.722	- 42.015	486.669	6.245.375	21,50
2022	8.503.917	- 75.466	632.115	9.060.566	21,30
2023	7.303.635	- 62.382	672.459	7.913.713	21,70
2024	11.333.440	- 43.390	895.041	12.185.091	21,90
2025	11.792.656	- 29.739	917.657	12.680.574	21,95

Fonte: Fonte: MDIC (2025). Elaborado pelo autor (2026).

Isso ocorre porque parcela crescente dos grãos de café são vendidos para outros países, são industrializados, compõem diferentes tipos de *blends*¹ e retornam em conjunto com outros cafés para atender o mercado consumidor brasileiro. Também não se pode ignorar os ganhos com a exportação do café solúvel nos últimos anos. Uma especialização industrial brasileira que têm gerado ganhos à economia nacional.

Rentabilidade alta com exportação e consumo tendem a estimular a produção. O Brasil mantém a liderança mundial de consumo (6,26 kg por ano de café cru e 5,01 kg por ano de café torrado e moído de novembro de 2023 a outubro de 2024) e permanece como o maior produtor e exportador de café em grão. Outros líderes na produção e exportação de café são: Vietnã, com cerca de 22% da produção, Colômbia 12%, Indonésia 6% e Honduras 4%. A ABIC (2023) estima que o Brasil seja responsável por 1/3 da produção mundial de café. Nesse contexto de preços elevados, é válido investigar de que forma os agentes econômicos organizam a gigantesca e crescente produção, comercialização e circulação do setor da cafeicultura nacional, e como ocorrem as interações socioespaciais entre o Brasil e os demais mercados mundiais.

Segundo o Conselho Nacional do Café (2021), são 330 mil propriedades. Destas, 78% são agricultura familiar, ou seja, gestão e mão de obra compartilhadas pelas famílias. O IBGE (2016) destaca a concentração geográfica da produção familiar quando publica os municípios com maior quantidade de estabelecimentos produtores de café por tipo de café. Segundo os dados, poucos municípios abrigam o maior número de estabelecimentos nos principais estados produtores, principalmente no âmbito da agricultura familiar.

A ocupação do território é fruto das mudanças dos agentes econômicos envolvidos (Estado, produtores e empresas) nos anos 1990. O IBGE cita o papel do Estado quando extingue o organismo oficial regulador, o Instituto Brasileiro do Café (IBC). Além da alteração no quadro institucional, um conjunto significativo de associações e cooperativas se organizaram. Isso gera mudanças na configuração dos agentes produtores, nos fluxos de comercialização. Permanecem pequenos produtores familiares, mas interagindo entre si, vinculados por cooperativas de produção, exportação e crédito. Para ajudar a entender a produção familiar é feita uma entrevista com produtor local mineiro. Constata-se a importância das cooperativas para negociações de preço e compartilhamento de técnicas e métodos de produção.

¹Técnica que consiste em misturar dois ou mais tipos de cafés com diferentes origens, espécies ou formas de beneficiamento com o objetivo de produzir um café diferenciado.

Há uma participação mais ativa e proeminente das cooperativas nas áreas com ocupação mais antiga, o que demonstra uma maior organização dos produtores, fruto de uma construção histórica que se mantém no período mais recente. A ocupação mais antiga das áreas tradicionais de produção agrícola faz com que esse território apresente um número maior de heranças físico-territoriais e sociopolíticas, tornando mais complexas as relações com novos territórios segundo Santos e Silveira (2001).

No circuito produtivo do café brasileiro é constatada a diferenciação funcional dos centros urbanos estudada por Corrêa (2004). O autor visualiza dois mecanismos econômicos que tendem a atuar simultaneamente com intensidades distintas, a competição e a cooperação. A primeira resulta da hierarquia urbana citada na teoria dos lugares centrais. Ela emerge da disputa entre empresas comerciais e de prestação de serviços via economias de aglomeração ou estratégias de preços baixos. A segunda normalmente acontece em empresas com funções complementares, interdependentes entre si. Na cafeicultura a hierarquia urbana também é resultado da disputa entre grandes grupos comerciais internacionais enquanto as produções familiares do grão mantêm-se interdependentes, fortalecendo-se mediante cooperação. A complementaridade também se faz presente quando o campo fornece o café em grão, o meio urbano fornece tecnologia, serviços e mercado consumidor.

A competitividade aparece como um atributo dos lugares e dos territórios. Provém da articulação entre formas materiais (infraestruturas produtivas, de circulação, comunicação, energia elétrica, abastecimento de água, sistemas de armazenamento) e normas (incentivos a partir de empresas públicas, acordos entre instituições de pesquisa e empresas) que geram níveis mais altos de produtividade e de fluidez, observados por Castillo e Frederico (2010).

Nesse contexto, são realizadas pesquisas para acelerar a produtividade e a produção se caracteriza por intensificar o uso da tecnologia, ênfase a fertirrigação e a mecanização. É no final dos anos 1990 que o sistema de colheita mecanizada ganha força, quando a pesquisa técnica e científica atinge produtores de café e de máquinas agrícolas e não para de se expandir segundo IBGE (2016). As empresas, enquanto agentes econômicos, participam da atividade da cafeicultura com a inovação de métodos, contribuindo para o ganho de produtividade. Este ocorre de forma distinta pelo território brasileiro.

Claval (2013) ao citar Harvey lembra que o capital fixo investido no solo facilita a mobilidade espacial de outras formas de capital e trabalho, ele exige que as interações no espaço respeitem a estrutura geográfica desses investimentos. Isso é visto nos investimentos no solo, maquinário, mudas da cafeicultura brasileira. As fábricas são instaladas em regiões

mais lucrativas e interferem na organização social e no preço das terras. Os investimentos no ambiente construído definem espaços regionais de circulação do capital. No interior desses espaços, a produção, a distribuição e o consumo, a oferta e a procura por trabalho articulam-se uns aos outros. E quando ocorre a transformação do espaço por meio da criação de arranjos espaciais também surgem estruturas regionais.

A Tabela 2 contém dados da CONAB (2026), estimativas dos meses de dezembro de 2020 a 2025. Ela mostra que o Espírito Santo avança na participação da colheita nacional, destaque para o café conilon, enquanto Minas Gerais permanece como produtor de mais da metade dos grãos nacionais, sendo a maior parte de café arábica.

Tabela 2: Colheita de café em grão por Unidade da Federação brasileira de 2019 a 2025 (em mil sacas de 60Kg)

UF	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Rondônia	2.199	2.445	2.263	2.801	3.041	2.094	2.320
Amazonas		-	75	75		19	35
Bahia	3.000	3.987	3.469	3.604	3.397	3.067	4.435
Mato Grosso	121	158	194	228	260	268	279
Goiás	249	248	235	278	202	256	216
Minas Gerais	24.554	34.647	22.142	21.960	29.006	28.097	25.755
Espírito Santo	13.498	13.958	14.166	16.721	13.014	13.865	17.448
Rio de Janeiro	245	371	209	294	306	347	422
São Paulo	4.340	6.181	4.007	4.387	5.031	5.445	4.740
Paraná	953	942	876	498	719	675	749
Outros	151	141	79	74	97	83	137

Fonte: CONAB (2025). Elaborado pelo autor (2026).

De qualidade superior estão os cafés classificados como especiais. O café é considerado especial quando atinge pontuação mínima de 80 pontos em uma escala internacional de avaliação sensorial de 0 a 100 que avalia aroma, uniformidade do grão, sabor, acidez, ausência de defeitos segundo a *Specialty Coffee Association* (SCA) e a normatização do *Coffee Quality Institute* (CQI). Predominantemente são colhidos na região das Matas, Cerrado e Sul de Minas Gerais; Serra do Caparaó; Montanhas do Espírito Santo; Região de Mantiqueira; Alta e Média Mogiana Paulista; Norte Pioneiro do Paraná; Chapada Diamantina (FOOD CONNECTION, 2023). Para o cultivo desses grãos, há técnicas

agronômicas específicas direcionadas ao manejo da lavoura cafeeira e principalmente investe-se no melhoramento genético do cafeeiro.

Para todos os tipos de café, o avanço tecnológico está nas etapas de preparação do solo (adubos e nutrientes mais eficazes), preparação de mudas (produção e comercialização de mudas de diversos tipos), colheita (mais mecanizada), beneficiamento (processos cada vez mais rápidos e com menor custo), armazenagem (novas tecnologias de embalagem além dos tradicionais sacos de juta) e distribuição (avanços na logística). Relaciona-se também com a ocupação do território, com os fluxos de bens, produção e prestação de serviço. Consequentemente, contribui para as interações espaciais entre os fluxos de bens materiais (mercadorias) e de bens imateriais (informações e serviços) no setor cafeeiro.

Os cafezais demandaram cerca de 5% do consumo total de fertilizantes no Brasil em 2022 segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos. Este percentual tem diminuído já que em 2006 era de 7,6 % (Costa e Silva, 2012). Para atender os cafezais, há empresas específicas como a Café Brasil, bem como empresas que atendem todo tipo de cultivo como Yara (de origem norueguesa e com representação em diversos países, sede em Porto Alegre). A Yara tem 25% do mercado, segundo fornecedora de dados do mercado de fertilizantes (GlobalFert, 2017).

As mudas vindas de diversos municípios de São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais são direcionadas para as áreas de cultivo, lá encontram além de adubos e fertilizantes, as máquinas vindas de São Paulo e Minas Gerais. As principais empresas estão na Tabela 3.

Tabela 3: Estados e principais empresas que produzem máquinas agrícolas para os cafezais

Estados	Empresa	Tipo de maquinário
MG	Makreis	Máquinas agrícolas para colheitas de café - sistema elétrico
MG	Oxbo do Brasil equipamentos agrícolas LTDA.	Máquinas agrícolas para colheitas de café
SP	Turati	Máquinas agrícolas para colheitas de café
SP	Miac - Máquinas Agrícolas	Máquinas para colheitas mecanizadas de café
SP	Valtra	Plantadeiras, pulverizadores, tratores específicos para café
SP	Jacto	Pulverização, adubação, plantio, colheita
SP	MP Agro	Pulverização, soluções específicas em maquinário

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

As plantações de montanha, mais intensivas em mão de obra temporária, são movimentadas por trabalhadores moradores de cidades vizinhas aos cafezais. Nas plantações mais mecanizadas, em áreas mais abertas onde é possível passar máquinas e o valor da produção estimado justifica os custos investidos, têm menos mão-de-obra, porém, mais qualificada. As embalagens tradicionais de juta são produzidas no Amazonas e as mais modernas de rafia têm fornecedores de Minas Gerais. Essa justaposição de recursos vindos de diversos espaços distintos, muito próximos ou distantes, dá vida ao cafezal e ajuda a compor essa parte do território ocupado por ele.

São exemplos de que a expansão desse agronegócio ocorreu mediante interação entre atividades produtivas agrícolas, indústrias de insumos e de processamento, atividades comerciais e serviços de distribuição (Pereira, Santos e Ferreira, 2019).

Por trás dessas interações estão presentes os elementos constitutivos das relações de poder. Conforme Raffestin (1993), as relações de poder podem ser materiais, sociais, econômicas e culturais, todas envolvendo a ação humana e ocorrem a partir das organizações sociais, sendo o Estado apenas uma delas. A soberania do Estado, expressa por lei ou outra forma de dominação é apresentada como uma forma de Poder, o poder escrito com letra maiúscula. O poder escrito com letra minúscula é parte intrínseca de toda relação. É esta que se manifesta com intensidade nos ciclos produtivos, utilizado pelas organizações.

Na cafeicultura brasileira, o Poder regulatório do Estado diminuiu a partir dos anos noventa enquanto avançaram os poderes das organizações, a competitividade dos grandes grupos internacionais e a complementaridade ou cooperação por meio dos agentes nacionais e produtores familiares. Nas décadas seguintes, o papel do Estado ganha nova relevância com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) que participa das pesquisas de inovações de novas plantas e mudas clonais. Produtores também contribuem com avanços tecnológicos para aumento de produtividade e redução de custos, com ênfase após ascensão vigorosa dos preços do café.

Áreas em formação e áreas em produção, diversos fluxos tecnológicos no mesmo espaço geográfico

Os grãos que caem e se deterioram trazem riscos de contaminar as plantações de café. Uma alternativa para restauração desse solo é a mistura de cal de reboco, areia fina e cimento (Emater, 2016). Contribuem para melhorar a qualidade o despejo de milho em grãos,

adubos e fertilizantes. Nutrientes como o Magnésio, Potássio, Nitrogênio e Boro também podem ser utilizados. Quando o solo precisa ser corrigido é utilizado calcário, gesso e fósforo. Preparado o solo, o plantio do café arábica para colheita mecanizada garante de 3 mil a 6 mil plantas por hectare, enquanto o café conilon, de 3 mil a 5 mil plantas por hectare. A boa colheita, sem deixar muitos grãos nos pés, são fundamentais para evitar o surgimento de pragas nas colheitas seguintes. Também há o controle químico com uso de defensivos agrícolas para combatê-las.

Nem toda área de plantação está na etapa de produzir grãos, parte ainda possui plantas mais jovens e mudas que compõem a formação bruta de capital, os investimentos feitos para produção futura. Segundo produtor entrevistado de Minas Gerais, normalmente o recomendável é ter entre 20% e 30% da área sendo destinada a recomposição do cafezal. A partir do segundo ano a planta já começa a produzir cerca de 70% da produção esperada. O auge da produtividade é atingido, em média, no quinto ano. Dependendo do manejo, a árvore segue produzindo assim até 40 anos. Logo que inicia a produção da árvore, o valor da colheita já é contabilizado no produto total. Normalmente, não se pratica área em descanso ou uso da terra para outra cultura no caso dos cafezais para evitar possíveis contaminações por pragas. Nesse sistema, é esperado pelo menos 0,5Kg de café verde por árvore (segundo o Conselho Nacional do Café, 2021). A CONAB (2026) publica estimativa de área desse parque cafeeiro em formação por estado (Tabela 4).

Tabela 4: Parque cafeeiro em formação e em produção segundo quarto levantamento da safra 2025-CONAB

UF	Em formação (mil covas)	Em produção (mil covas)	Parque cafeeiro em formação	Produção em mil sacas de 60Kg
RO	17.918	136.387	11,6%	2.320
AM	1.777	2.822	38,6%	35
BA	57.557	367.092	13,6%	4.435
MT	2.691	21.967	10,9%	279
GO	7.983	27.385	22,6%	216
MG	1.151.889	3.796.930	23,3%	25.755
ES	180.084	1.341.538	11,8%	17.448
RJ	4.177	48.844	7,9%	422
SP	7.851	625.783	1,2%	4.740
PR	7.728	104.620	6,9%	749

Fonte: CONAB (2025). Elaborado pelo autor (2026).

O parque em formação mostra o crescimento das produções futuras de café em estados com pouca expressão na produção nacional, como Goiás e Amazonas, mas também a continuidade do predomínio de estados como Minas Gerais e Espírito Santo. O grande produtor, Minas Gerais, está em fase de renovação de boa parte dos cafezais. Também por conta disso sua taxa de crescimento anual pode estar aquém de outros estados conforme mostrado na Tabela 2.

Os cafezais em formação já respondem a expectativas de preços internacionais, resultados de melhoramentos tecnológicos e produtos diferenciados, incluindo os cafés especiais cultivados em grande parte nos solos mineiros. A CONAB (2026) cita o estado de Goiás com regiões adaptadas aos cafés arábica, especiais, além do tradicional conilon desde os boletins de safra de 2024. Espera-se que o café conilon com mudas do Espírito Santo e já adaptadas ao cerrado goiano seja uma alternativa às mudanças climáticas que tendem a reduzir a colheita de outras áreas cafeeiras do Brasil.

Formação dos preços durante as etapas de produção, os fluxos de comercialização e as diferentes formas de ocupação do território

Entre pré-colheita e colheita são feitas previsões da safra, levantamento de recursos; dimensionamento da infraestrutura para o processamento do café; levantamento da necessidade de mão-de-obra e o preparo da lavoura segundo a EMATER (2016). De acordo com entrevista a produtor familiar mineiro que exporta para Itália, o uso da mão-de-obra temporária em todas as etapas do processo produtivo, principalmente durante a colheita, está entre os principais gastos da produção. Entre os insumos, destacam-se adubos e fertilizantes, máquinas e equipamentos. O aluguel de máquinas e equipamentos inclui a contratação de drones para pulverização nos cafezais. Estes e outros insumos principais estão na Tabela 5.

Tabela 5: Principais gastos anuais com a produção de café em grão no Brasil – 2025

Produto	Participação no total de insumos
Adubos e fertilizantes	20,0%
Equip. e sistemas irrigação, incl. partes e peças	18,4%
Distribuição de energia elétrica	11,9%
Máqs. para agropecuária , exc. irrigação	9,8%
Transporte rodoviário de carga	8,6%
Aluguel de máq. e equipamentos	6,2%
Partes e peças para máq. e equip. de uso geral	5,9%
Sacos têxteis, produzidos em tecelagens	3,0%
Gasolina automotiva	2,9%
Outras máq. e equipamentos de uso geral	2,7%
Seguros, inclusive resseguros	2,2%
Partes e peças para máq. e equipamentos agrícolas	1,5%
Inseticida/fungicida/herbicida/defensivos agro	1,2%
Café em grão (inclui cascas e mudas)	1,2%

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

A mão-de-obra utilizada é de áreas adjacentes aos cafezais, portanto, não envolvem grandes deslocamentos. Os gastos com mão-de-obra dependem do tipo de colheita, bem como o grau de qualificação exigido dos trabalhadores. Há três formas básicas: manual, semimecanizado e mecanizado.

Pesquisas da EMATER de 2016 mostram que para o sistema manual de colheita foi utilizada muita mão de obra temporária, sendo o valor médio praticado na região de R\$16,85 por medida de 60 litros. O custo total da colheita semimecanizada foi de R\$11,40 por medida de 60 litros, enquanto o custo da colheita mecanizada foi de R\$8,60 por medida utilizando colhedoras automotrizes.

Segundo entrevista com produtor dos cafezais de montanhas de Minas Gerais, 1 litro de café maduro colhido corresponde a aproximadamente 700 gramas de café verde em 2022. Em média, pagou-se R\$0,50 por litro colhido em 2022, R\$30,00 por medida de 60 litros. Em 2025, foi de R\$0,66, R\$40,00 por medida. Nos últimos três anos, o gasto com mão de obra temporária subiu 33%, os preços do café arábica mostrados na Figura 1 subiram 80%.

Em muitos casos, por um período de aproximadamente quatro meses, as atividades de colheita e pós-colheita utilizam trabalhadores eventuais ou “safristas”. Nas pequenas propriedades, mesmo que em boas condições topográficas, a mecanização da colheita pode ser inviável devido aos altos preços dos equipamentos. Já para as médias e grandes propriedades, o alto custo com a mão de obra pode justificar o investimento em maquinários. Assim sendo, há correlação quanto ao emprego de tecnologias de colheita e o perfil fundiário, constatado pela Pesquisa Cafeeira Safra 2022/23 da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil.

Outro ponto a se observar é que colheita e separação manual são primordiais para grãos de melhor qualidade. Implica fluxos de deslocamento de pessoas mais curtos e onerosos justificados por preços finais altos. O fluxo de maquinário é específico e pontual. Colheitas em larga escala implicam fluxos que podem ser maiores de deslocamento de maquinário. A tabela 3 mostra máquinas específicas fabricadas em Minas Gerais, perto das regiões produtoras, ou em São Paulo, um pouco mais distantes. Em propriedades maiores, a busca por produtividade está relacionada a preços finais mais competitivos nos mercados. As grandes propriedades são capazes de produzir em larga escala oferecendo preços mais acessíveis, as pequenas em produtos de melhor qualidade, ambas com espaço no disputado mercado internacional. São fluxos distintos que vão perfazer a tradicional, mas também moderna cafeicultura brasileira.

Logo após colheita, o café pode ser armazenado como café coco (café colhido e seco, mas ainda com a presença da casca e polpa) ou pergaminho (grão de café já sem a casca e a polpa, mas ainda com o pergaminho, que recobre a semente) em tulhas para descanso, logo após a secagem e antes do beneficiamento. A etapa de armazenagem é pequena nesse período, e normalmente a granel.

A máquina beneficiadora retira a casca e o pergaminho do grão de café coco, bem como possíveis pedaços de folhas, madeiras e pedras. É nela também que são selecionados os grãos de acordo com tamanhos e a porcentagem de pureza que se quer atingir.

Os cafés em grãos verdes podem ser acondicionados nos sacos de juta, feitos de uma fibra têxtil vegetal tradicionalmente cultivada as margens dos Rios Solimões e Amazonas; ou em sacos de ráfia, os *big-bag's*, que são sacos feitos a partir de fibras têxteis de palmeiras; ou ainda sacos de material sintético polipropileno. Nessa etapa do armazenamento, o café não deverá conter mais que 11 a 12% de umidade, atingido esse ponto já é encaminhado para beneficiamento. Isso porque o excesso de umidade nos grãos

facilita o ataque de fungos e bactérias prejudiciais à qualidade do café e reduz seu valor de mercado. Armazenamento inadequado é um dos principais fatores de perdas qualitativas e quantitativas do grão, e assim impactam os preços (Emater, 2016).

A etapa de armazenagem passa a ser fundamental após a torra do grão de café. Ela é uma estratégia dos agentes econômicos para o controle dos estoques durante o processamento e a distribuição das mercadorias pelos produtores, atacadistas e varejistas nos mercados nacional e internacional (Frederico, 2010).

Na armazenagem do café, busca-se regular os estoques durante períodos de safras e de entressafras, principalmente para corrigir distorções nos anos de bienalidade positiva e negativa. Como grande parte dos contratos é feito no mercado futuro, a armazenagem é fundamental para o cumprimento dos prazos e controle dos preços.

Durante todas as etapas, os fluxos se intensificam. Deslocamento de mão-de-obra e maquinário em direção aos cafezais incrementam os fluxos de capitais fixo e variável. As máquinas produzidas nos interiores dos estados de São Paulo e Minas Gerais vão compor um ambiente propício à produção do café nos estados de Rondônia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Após a produção, o café será exportado (principalmente para Alemanha, Estados Unidos, Itália, Bélgica e Japão), ou torrado e moído por empresas no Brasil, as maiores localizadas em São Paulo, Ceará, Minas Gerais e Paraná.

A fábrica da Nestlé em Araras-SP diversificou seus negócios no país em 2015 com a inauguração de uma fábrica de cafés em cápsulas bastante integrada com a fábrica que produz leite condensado localizada no mesmo terreno em Montes Claros-MG. A proposta era atender o mercado nacional de cápsulas e exportar para Uruguai, Paraguai e Argentina (Nestlé, 2024). Os cafés em cápsula começaram a ser comercializados no Brasil em 2006. Primeiramente, só importados, depois, com o fim da patente em 2013, o consumo se ampliou e permitiu aumentos de preços significativos. Em 2025, o preço médio do café gourmet subiu 20,1%, para R\$114,24 por quilo. O preço médio do café especial subiu 4,3%, para média de R\$136,76 o quilo. E o preço médio da cápsula foi de R\$340,51 o quilo segundo ABIC.

As estratégias de marketing e comercialização permitiram que os cafés em cápsula chegassem ao consumidor final com preços muito altos, mesmo que muitas vezes fossem grãos de qualidade inferior. Algumas marcas ainda são importadas, outras nacionais, mas que também importam parte do café utilizado na composição *do blend*. As cápsulas brasileiras já são exportadas para Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile e Equador segundo a Nestlé (2024). É o comércio, definido como uma atividade socioeconômica essencialmente espacial, que

permite a distribuição desses fluxos intranacionais e internacionais de bens e serviços comercializáveis (Pereira, Santos e Ferreira, 2019).

Fluxos de produção e exportação, destaque para cafés em grão e solúvel

Além dos cafés em cápsulas, há outros destinos para a produção de café. Após colheita e descanso, os grãos são exportados ou permanecem no país e as indústrias locais vão dar continuidade ao processo de industrialização dos grãos. Para beneficiar o café, o grão do café verde é reduzido em cerca de 20% durante a torrefação, 10% devido à água e 10% por perda de matéria seca (Anunciação e Silva Júnior, 2016). Grandes grupos econômicos se destacam no beneficiamento do café no país. O grupo cearense Três Corações lidera a produção de café beneficiado. É seguido pelo grupo *Jacobs Douwe Egberts* (dono das marcas Café Caboclo, Café Pilão, Café do Ponto, Café Pele e *L'Or*), com sede na Holanda. Destacam-se também Melitta (sede em São Paulo), Café Maratá (sede em Sergipe), Cooperativa Regional de cafeicultores em Guaxupé – Cooxupé (sede em Minas Gerais), Companhia Cacique de café solúvel (sede no Paraná), Café Utam (sede em São Paulo).

Segundo a Pesquisa Industrial Anual do IBGE de 2019 a 2023, café torrado e moído e café solúvel são os principais produtos beneficiados a partir do café em grão no Brasil. O café solúvel cresce sua participação no período pós-pandemia conforme dados da Tabela 6.

Tabela 6: Valor da produção dos produtos e/ou serviços industriais, segundo as classes de atividades e os produtos (Mil Reais)

Classes das atividades industriais e produtos - Prodlist 2016 e Prodlist 2019	Valor da Produção (Mil Reais)		Quantidade produzida (Toneladas)	
	2019	2023	2019	2023
1081 Torrefação e moagem de café	8.742.309	12.969.870	—	
1081.2010 Café não torrado, descafeinado	326.954	252.266	48.122	32.514
1081.2020 Café torrado em grãos, inclusive aromatizado (mesmo descafeinado)	156.618	583.380	17.782	44.296
1081.2040 Café torrado e moído, inclusive aromatizado (mesmo descafeinado); exceto envasado em cápsulas	7.860.771	11.830.785	683.223	664.565
1081.2050 Cápsulas de café, inclusive aromatizado (mesmo descafeinado)	303.818	223.153	13.734	9.609
1081.9010 Serviço de torrefação e moagem de café e serviços relacionados	94.148	80.286	—	
1082 Fabricação de produtos à base de café	2.388.070	5.304.867	—	
1082.2010 Café solúvel, mesmo descafeinado	2.093.890	4.802.857	91.403	114.602
1082.2020 Extratos, essências e concentrados de café; preparações à base de café (cappuccino)	286.457	493.647	14.231	21.037

Fonte: IBGE (2025). Elaborado pelo autor (2026).

São poucos grupos responsáveis pela maior parcela da industrialização. Segundo estudo da ABIC (2023) sobre as indústrias produtoras de café, 76,6% delas estão na Região Sudeste e 80% desses negócios têm até 19 colaboradores. Os principais canais de distribuição são supermercados regionais, médios e pequenos varejos que representam juntos 57,6% do faturamento.

Ao analisar a justaposição dos fluxos incluindo o mercado externo, ganha-se outra dimensão sobre o grau de influência dos fluxos gerados no Brasil. O predomínio da

agricultura familiar na produção agrícola mostra a força do impacto que esses pequenos produtores são capazes de gerar na expansão ultra territorial.

Os dados do comércio exterior confirmam que parcela pequena da produção do café torrado é exportada, predomina café em grão e, quando pronto para o consumo, o solúvel. O café é importante na pauta exportadora devido ao alto grau de concentração das exportações brasileiras e ao preço crescente conforme mostra a Tabela 7.

Tabela 7: Principais produtos da pauta exportadora brasileira ordenados segundo Valor FOB (US\$) de 2021 e os demais produtos do café

Código NCM	Descrição NCM	Ano 2021	Participação nas exportações brasileiras-Valor FOB	Participação nas exportações brasileiras-Quilograma Líquido
Total das exportações		280.394	100%	100%
26011100	Minérios de ferro e seus concentrados, exceto as piratas de ferro ustuladas (cinzas de piratas), não aglomerados	40.716	14,50%	48,20%
12019000	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	38.629	13,76%	12,29%
27090010	Óleos brutos de petróleo	30.609	10,90%	9,65%
17011400	Outros açúcares de cana	7.955	2,83%	3,43%
02023000	Carnes desossadas de bovino, congeladas	6.956	2,48%	0,20%
47032900	Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução, semibranqueadas ou branqueadas, de não coníferas	6.229	2,22%	2,21%
23040090	Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	5.922	2,11%	1,97%
09011110	Café não torrado, não descafeinado, em grão	5.804	2,07%	0,33%
Produtos derivados do café				
2101	Café solúvel e outros	568	0,20%	0,01%

Fonte: MDIC (2025). Elaborado pelo autor (2026).

Por meio de sua atividade laboral, produtores de mudas, adubos, fertilizantes, máquinas agrícolas e ferramentas interagem em pontos estratégicos do território que oferecem melhores condições climáticas e solo mais adequado. A mão-de-obra, com predomínio de contratos temporários de trabalho ou apenas mão-de-obra familiar, possibilita que os fluxos gerados a partir dos cafezais produzam resultados extraterritoriais, ganhando dimensão econômica importante no cenário exportador nacional, chegando a Estados Unidos, Alemanha, Japão. Atinge até países sem cafezais em seu território, como a Suíça, local sede da multinacional Nestlé, grande produtora e exportadora de café beneficiado (cápsulas e solúvel). Na medida em que os preços do café aumentam, estimulam mais produção, os destinos dos fluxos de comercialização também se alteram. Turquia e Reino Unido ganham importância devido aumento no consumo. A Tabela 8 mostra que a China aparece como um mercado promissor.

Tabela 8: Principais países de destino das exportações de grão de café não torrado, não descafeinado, em Quilograma Líquido, em anos selecionados

Países	Anos				
	2010	2019	2020	2024	2025
Estados Unidos	363.405.091	439.630.874	429.367.219	453.115.167	292.595.579
Alemanha	385.730.285	383.410.678	440.592.002	440.145.259	341.583.519
Itália	165.134.400	216.295.692	181.047.479	232.451.329	194.157.788
Bélgica	122.605.274	151.097.973	224.442.688	261.759.143	149.348.019
Japão	123.768.652	148.051.897	120.863.794	137.004.646	149.578.938
China	998.440	8.538.561	9.725.526	55.739.079	67.566.212
Turquia	20.279.680	68.482.482	81.317.596	81.854.908	89.729.310
Reino Unido	25.209.803	50.219.442	42.510.071	61.243.670	49.392.694
Países Baixos (Holanda)	28.149.600	56.269.000	36.199.302	79.415.609	85.193.539
Colômbia	952.200	21.528.990	42.824.319	26.154.504	42.786.354
Espanha	52.396.967	48.035.663	51.561.643	93.971.062	77.100.622
Coreia do Sul	21.326.277	32.173.652	35.574.806	55.692.284	53.235.532
França	40.506.968	48.339.675	49.734.985	41.173.464	53.309.584
Suécia	38.140.800	37.938.371	42.342.746	41.844.050	40.072.922
Rússia	20.552.400	42.569.489	54.420.216	61.993.334	71.220.616
Canadá	26.926.044	48.388.182	44.199.899	53.858.806	49.630.628

Fonte: MDIC (2025). Elaborado pelo autor (2026).

A rota de comercialização com a China não parece ser apenas de passagem com destino a outros mercados. Trata-se de mudança de hábito da população. O consumo de café na China era de menos de 300 mil sacas de 60 quilos por ano em 2009, chega a 6 milhões em 2024 segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

O Brasil também se destaca como líder no mercado mundial de café solúvel. A maior produtora é a Nestlé com fábrica em Araras-SP desde 1953. A Cia Iguaçu é outra empresa que se dedica a produção e exportação expressiva de café solúvel no município de Cornélio Procopio-PR desde 1967. Incorporada pelo grupo Três Corações em 2016, comercializa seus produtos para mais de 30 países nos 5 continentes.

O destino do café solúvel brasileiro também está em fase de mudanças. Os principais destinos são: Estados Unidos, Rússia, Indonésia, Polônia, Emirados Árabes Unidos, Reino Unido. Em crescimento estão Vietnã e México segundo consulta aos dados oficiais brasileiros da Comex em Brasil (2010 a 2025).

Para atender as crescentes exigências internacionais, é fundamental ter um bom grão, influenciado pela qualidade do solo, boas condições climáticas, árvores resistentes a pragas e mais produtivas. Assim, os produtores têm buscado inovações no produto, mais importantes que mudanças no processo de produção. É nesse momento que o Estado se faz presente. Instituições públicas têm participado de estudos e realizado parcerias para estimular pesquisas e desenvolvimento dos cafezais. Como exemplo tem-se o recente método da Embrapa (2024) para identificação e seleção de plantas de café com teor de cafeína reduzido com a patente reconhecida pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial em 2022. Com isso, é possível gerar plantas de café arábica naturalmente descafeinadas.

Têm-se investido também em mudas de café clonais. Em 2013, a parceria entre Fundação Procafé e Embrapa Café permitiu desenvolver clones de mudas de café arábica, com resistência a duas das principais pragas da cultura: o bicho-mineiro e a ferrugem. A Embrapa (2025) também participou de um projeto de cultivo de café clonal robusta. Conhecido como Robusta Amazônico, o café é produzido por famílias do norte brasileiro há pelo menos uma década. A inovação tecnológica proporcionou aumento de produtividade, propriedades familiares relataram produtividade de 120 a 150 sacas de café por hectare e algumas lavouras superaram 200 sacas em 2024.

Essas inovações tecnológicas no campo alteraram os fluxos da produção familiar quando expandiram os fluxos de comercialização para o mercado externo. As inovações provenientes de colheitas mecanizadas, mudanças na forma de pulverização e manejo do

solo chegaram a todos os tamanhos de propriedade. Não se trata apenas de aumento de produtividade, senão uma forma de inserção no mercado internacional mediante oferta de produtos de melhor qualidade, isso marca as regiões cafeicultoras brasileiras como regiões competitivas em escala global.

Particularidades dos fluxos e circuitos da atividade cafeeira

Conforme identificou Raffestin (1993), a princípio os indivíduos ou os grupos eram vistos como pontos no espaço e se distribuíam de modo aleatório, regular ou concentrado como resposta aos fatores distância e acessibilidade. A distância se referia à interação entre os diferentes locais. Poderia ser uma interação política, econômica ou social, fruto da interação entre oferta e procura. Aprofundamento dos estudos e mudanças no quadro social levaram a percepção dos sistemas de malhas, de nós e redes que se imprimem no espaço e que constituem, de algum modo, o território. Não somente se realiza uma diferenciação funcional, mas ainda uma diferenciação comandada pelo princípio hierárquico, que contribui para ordenar o território.

Assim foi com a cafeicultura brasileira, além da proximidade ao mercado consumidor, a diferenciação de solo e as condições climáticas ajudaram a determinar as regiões produtoras. Fundamental para gerar capital necessário a industrialização do país. As interações e posteriormente as relações de poder ajudaram a configurar relações hierárquicas.

Quando os fluxos de pessoas, bens e informação ganham importância eles passam a se correlacionar com expressões geográficas e regionais singulares, decorrentes da relação entre o aprofundamento da divisão territorial do trabalho e da ampliação dos circuitos espaciais produtivos. Trata-se de nova articulação entre redes e regiões, vinculadas ao acirramento da competitividade de produtos, empresas e regiões, que se manifesta de várias maneiras em diversas partes do mundo. No caso do café no território brasileiro, a combinação de competências técnicas locais que se expressa na especialização regional produtiva é voltada a atender mercados internacionais. Isso gera aumento dos fluxos materiais e imateriais e uma ampliação dos circuitos espaciais extrovertidos.

Dentre as áreas produtoras de café surgem regiões competitivas, derivadas das articulações entre formas materiais, sejam elas acessibilidade, infraestruturas produtivas, de circulação, comunicação, energia elétrica, abastecimento de água, sistemas de armazenamento, terminais multimodais e outras categorias de instalações e equipamentos.

As regiões competitivas podem incluir agricultura, indústria, serviços, atreladas a determinadas atividades produtivas, elas coexistem com outros tipos de região, como as históricas e administrativas, fenômenos vistos por Castillo e Frederico (2010).

Um exemplo são as associações de produtores de cafés diferenciados no Sul de Minas Gerais para a criação de selos de “Denominação de Origem”, já que ele é um Registro de Indicação Geográfica que busca a notoriedade de um produto, produção e serviço, além de ajudar a levar esse reconhecimento e qualidade. Essa singularidade atribuída aos produtos por conta das denominações de origem e suas relações com o território também foram estudadas por Batista (2012).

Dessa forma, essa região historicamente produtora de café fundamenta a criação de uma região administrativa, uma área que já constitui uma típica região competitiva agrícola, o que ocorre com outras áreas produtoras de café no Brasil como cerrado mineiro, sul da Bahia, leste de Rondônia. Evidenciam-se aspectos como apoderamento do espaço pelos produtores e reforço da identidade local (Tavares, Machado e Valduga, 2023).

Os diversos tipos de café contribuem para a formação da paisagem, para a diferenciação dos lugares. Quando o IBGE (2016) identificou poucos municípios dedicados a produção cafeeira, ele contribuiu para ressaltar a importância regional dessa atividade. Destacou locais onde a cultura do café dedicada a exportação passa a desempenhar papel singular na economia local, a de principal origem dos recursos, de onde provêm circuitos fortemente extrovertidos, isto é, vinculados ao mercado externo. Nesses locais aparecem dois movimentos: os círculos externos dos cafés em grão e solúvel e o sub-espço do beneficiamento e da industrialização dos cafés torrados e moídos.

O processo de torra e moagem do grão também tem vínculo externo à medida que poucos e grandes grupos internacionais dominam a produção nacional e a resumem a poucas marcas. Eles têm poder de decisão e interferem diretamente nos círculos de comercialização do produto. Essas expressões geográficas da produção e da circulação ajudam a explicar a organização e o uso de parcela peculiar do território brasileiro.

Considerações finais

O fato de diversos municípios terem sido formados e terem seu dinamismo econômico baseado na economia cafeeira evidencia essa atividade econômica como elemento estruturante do território. O Brasil permanece líder mundial na produção dessa

cultura e do consumo per capita o que reforça a importância desse cultivo para a economia brasileira. A subida dos preços do café em grão nos últimos anos ganha destaque quando comparado a década anterior, período de grave crise com preços externos mais baixos e altos custos de produção. Mudanças climáticas que afetaram as safras e demanda crescente pelo produto contribuíram para reversão do quadro internacional. Produtores se uniram aprimorando os vínculos por meio de associações e cooperativas e mesmo diante de avanços de produtividade no campo, melhoras nas plantas com inovações genéticas e aceleração nos fluxos comerciais a colheita mundial não foi suficiente para atender o consumo em tempo hábil, e a subida dos preços do café em grão no mercado global tornou-se inevitável.

Conforme constatado, como os preços são formados a priori, a partir da expectativa dos agentes de colheita e controle de estoque isso altera decisões futuras de áreas a serem plantadas. Assim, o encarecimento do café no mercado internacional gera impacto direto sobre a formação do território, o que evidencia a presença de importantes circuitos extrovertidos. As regiões competitivas emergem dos circuitos extrovertidos, vinculados aos arranjos produtivos locais.

Dentro das regiões competitivas, os produtores se organizam em associações e cooperativas, são atualizados e compartilham inovações de cultivo, preparo do solo, mudas, colheitas, equipamentos e novas prestações de serviços. Nesse ambiente conseguem investir em maquinários e novas espécies de plantas, usufruir de melhores serviços como contratação de drones para pulverização. No que se refere às indústrias, a competitividade se dá entre grandes conglomerados, a inovação estimula novos produtos a exemplo do café em cápsulas, produtos à base de café e a produção de cafés especiais, exigindo do campo plantas que desenvolvam grãos diferenciados em aroma, sabor, aparência e paladar. Como não se consegue atingir as especificidades exigidas simultaneamente em todos os locais, intensifica-se o fenômeno das regiões competitivas.

O Brasil cresceu na industrialização do café dentro do território para exportação, mas isso aconteceu numa produção particular, a de café solúvel. Basicamente, a produção destinada a venda externa ainda é a do café em grão, produto que sofre pequena etapa de beneficiamento em território nacional para garantir a qualidade do produto quando chega ao seu destino, sendo aí, de fato, preparado para o consumo ou reexportado após torra e moagem. Neste cenário, os principais agentes são pequenos produtores familiares, associações, cooperativas, e grandes grupos econômicos que dão marca ao produto na etapa de comercialização.

O papel do Estado junto a regulação da produção é reduzido a partir dos anos 1990 com a extinção do organismo oficial regulador. Porém, ganha dinamismo em outra área fundamental para o aumento da produtividade nas décadas seguintes: a realização de pesquisas e desenvolvimento, contribuindo para estudos de melhoramento genético.

Os produtores familiares em sua maioria organizam-se sob a forma de associações e cooperativas. Com isso, avançam em negociações internacionais, dedicam-se crescentemente à produção de cafés especiais.

Na etapa de industrialização predominam poucos e grandes grupos europeus. No caso específico do café solúvel, parte expressiva é destinada à venda externa, os destaques são grupos Nestlé e Três Corações. Os pequenos produtores rurais buscam a cada nova safra ganho de produtividade, principalmente com plantas mais produtivas e resistentes a pragas, maquinários mais modernos e contratação de serviços com maior tecnologia agregada. O objetivo é se adequar a um mercado cada vez mais exigente e promissor.

A China tem comprado cada vez mais o café em grão brasileiro. No início, o café era destinado ao consumo interno chinês em pequenas quantidades, mas os patamares atuais de exportação já têm contribuído para alterações nos preços e na formação do território brasileiro pois, interferem nas decisões de produção, uso do território, fluxos comerciais e de investimentos, acelerando o avanço tecnológico nas etapas de cultivo e produção.

Referências

ANUNCIAÇÃO, Adriana Soares; SILVA JUNIOR, Luiz Severo da. Análise da qualidade do café obtido por torrefação a vácuo. **Revista Congresso Sul Brasileiro de Engenharia de Alimentos**, v.2, n.1, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ (ABIC). **Indicadores da Indústria de Café no Brasil – 2023**. Rio de Janeiro: ABIC, 2023. Disponível em: <https://www.abic.com.br/estatisticas/indicadores-da-industria/> Acesso em: 20 jan. 2026.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ (ABIC). **Preço do café aumentou no varejo brasileiro em 2025, diz Abic**. Rio de Janeiro, 29 jan. 2026. <https://globo rural.globo.com/noticia/2026/01/preco-do-cafe-aumentou-no-varejo-brasileiro-em-2025.ghtml> Acesso em: 05 fev. 2026.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL PARA DIFUSÃO DE ADUBOS (ANDA). **Estatísticas do setor**. São Paulo: ANDA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-agricolas/fertilizantes/plano-nacional-de-fertilizantes/estatisticas-do-setor> Acesso em: 12 dez. 2023.

BATISTA, Luís Adriano. **A Indicação Geográfica como indutora da organização dos pequenos produtores: o caso do “Café das Montanhas do Sul de Minas Gerais”**. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7564/LuisAdrianoBatista.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 01 junho. 2026. Acesso em: 01 jun. 2026.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). **Comex Stat**: Estatísticas de comércio exterior em dados abertos. Brasília, DF: MDIC, 2010 a 2025. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral> Acesso em: 03 jan. 2026.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Dinâmica regional e globalização: espaços competitivos agrícolas no território brasileiro. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 17-26, maio 2010. DOI: 10.4215/RM2010.0918.0002. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/330> Acesso em: 20 fev. 2025.

CEPEA-Esalq/USP. **Indicador de Café Arábica e Robusta**. Piracicaba, SP: CEPEA/Esalq, [2009 a 2025]. Disponível em: <https://cepea.org.br/br/indicador/cafe.aspx> Acesso em: 30 jan. 2026.

CLAVAL, P. Marxismo e geografia econômica na obra de David Harvey. **Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica**, [S.l.], ano 2, n. 3, 2013. Disponível em: <http://espacoeconomia.revues.org/570> OpenEdition Journals. Acesso em: 12 fev. 2026.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Acompanhamento da safra brasileira: café, dez. 2020 a 2025**, n. 4 - quarto levantamento. Brasília: Conab, 2020 a 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atualizacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-cafe> Acesso em: 24 fev. 2026.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL - CNA. **Pesquisa Cafeeira 2022/23**. Brasília: CNA, 2023. Disponível em: https://www.cnabrazil.org.br/storage/arquivos/pdf/Pesquisa-Cafeeira-_2023.Vfinal.pdf Acesso em: 10 set. 2024.

CONSELHO NACIONAL DO CAFÉ - CNC. **Raio-X do Café no Brasil**: produção, indústria, consumo, informações relevantes sobre o mercado do país. Brasília, DF: CNC, [2021]. Disponível em: <https://perfectdailygrind.com/pt/2021/05/24/raio-x-do-cafe-no-brasil-producao-industria-consumo-informacoes-relevantes-sobre-o-mercado-do-pais/> Acesso em: 03 mar. 2023.

CORREIA, Roberto Lobato. Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado. **Revista Cidades**, Brasil, v. 1, n.1, 2004.

COSTA, Leticia Magalhães da; SILVA, Martim Francisco de Oliveira e. A indústria química e o setor de fertilizantes. In: BNDES. **BNDES 60 anos: perspectivas setoriais**. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2012. p.12-60. Disponível em: <http://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2025> Acesso em: 10 fev. 2023.

DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS (USDA). Consumo de café na China em alta. In: País do chá, China descobre o café, e Brasil pega carona em 'hype' que tem até delivery por drones. **G1**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2024/10/16/consumo-de-cafe-dispara-na-china-e-brasil-pega-carona-em-hype-que-tem-ate-delivery-por-drones.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2024.

EMATER-MG. **Manual do café**: colheita e preparo (Coffea arábica L.). Belo Horizonte: Emater-MG, 2016. 52 p. il. Disponível em: <https://www.emater.mg.gov.br/download.do?id=17586> Acesso: em 20 nov. 2025.

EMBRAPA. **Café clonado - Biotecnologia**. Brasília: Embrapa, [2021]. Disponível em: https://www.embrapa.br/contando-ciencia/biotecnologia/-/asset_publisher/wNet9XcMLFn/content/-contando-ciencia-/1355746 Acesso em: 02 set. 2025.

EMBRAPA. **Method to identify coffee trees with reduced caffeine content is patented**. Disponível em: https://www.embrapa.br/en/web/portal/cafe/busca-de-noticias/-/noticia/70568245/patenteado-metodo-que-identifica-cafeeiros-com-teor-reduzido-de-cafeina?p_auth=OMgEtHpA. Acesso em: 25 fev. 2024.

EMBRAPA. **Produtores familiares quadruplicam produtividade de cafés Robustas Amazônicos**. Brasília: Embrapa, [2025]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/98282131/produtores-familiares-quadruplicam-produtividade-de-cafes-robustas-amazonicos> Acesso em: 12 fev. 2025.

FREDERICO, Samuel. Desvendando o agronegócio: financiamento agrícola e o papel estratégico do sistema de armazenamento de grãos. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 47–62, 30 abr. 2010. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2010.74154. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74154> Acesso em: 22 set. 2023.

FOOD CONNECTION. **Cafés especiais**: segmento cresce no Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.foodconnection.com.br/artigos/cafes-especiais-segmento-cresce-no-brasil/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GLOBALFERT. **4 empresas detêm 73% do mercado de Fertilizantes no Brasil**. GlobalFert, [S.l.], [2017]. https://www.agrolink.com.br/fertilizantes/noticia/4-empresas-detem-73--do-mercado-de-fertilizantes-no-brasil_395514.html Acesso em: 15 mar. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **A Geografia do café**: dinâmica territorial da produção agropecuária. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=299038> Acesso em: 25 jul. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Industrial Anual 2023**. Tabela 7752: Valor da produção industrial... Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7752> Acesso em: 04 fev. 2026.

INFORME AGROPECUÁRIO: Cafés Conilon e Robusta: potencialidades e desafios. Belo Horizonte: EPAMIG, v. 41, n. 309, 128 p., 2020.

MEDEIROS, Marlon Clovis. A geografia do mercado mundial de produtos agroalimentares e o papel do Brasil. **Ra'e Ga: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 31, p. 260–279, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/32943>. Acesso em: 6 fev. 2026.

NESTLÉ. **Inauguração da fábrica de cápsulas NESCAFÉ Dolce Gusto em Montes Claros (MG) inicia celebração dos 150 anos da Nestlé**. Disponível em: <https://www.nestle.com.br/media/pressreleases/inauguracao-da-fabrica-de-capsulas-nescafe-dolce-gusto-em-montes-claros-%28mg%29-inicia-celebracao-dos-150-anos-da-nestle> Acesso: em 20 jun. 2024.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; SANTOS, Igor José Ferreira dos; FERREIRA, William Rodrigues. Geografia do comércio de commodities, dinâmicas espaciais da logística de transportes e dos fluxos de exportações do setor de soja no Brasil. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 23, e3, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/33183> Acesso em: 24 ago. 2023.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

TAVARES, Beatriz Carvalho; MACHADO, Marcello de Barros Tomé; VALDUGA, Vander. Territorialização do café no Caparaó Capixaba. **Mercator**, Fortaleza, v. 22, e22006, abr. 2023. ISSN 1984-2201. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2023.e22006>.

Submetido em: fevereiro de 2025.

Aceito em: julho de 2026.